

O IDEAL DE HOMEM AO LONGO DA HISTÓRIA

José Pedro Boufleuer

1. Introdução: O homem como um ser que é feito e que se faz

No mundo em que vivemos estamos como que jogados entre dois infinitos. Por um lado, temos a incomensurabilidade do espaço sideral com seus astros; e, por outro, temos o universo incontável de moléculas e átomos que compõem o menor dos objetos que está à nossa mão. Se considerarmos o tempo de existência do cosmos, espantamo-nos com a insignificância de duração da vida humana.

A bem dizer, estamos perdidos no espaço e no tempo. Somos nada diante do infinito e do eterno. Embora desconhecendo o nosso princípio e nosso fim, temos a capacidade de pensar sobre nós mesmos. Pensar sobre o momento de nossa existência, por mais curto que seja, é uma forma de fazer jus a uma natureza que permite a autoconsciência. É tarefa de cada um de nós refletir sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre o sentido da história que se vai fazendo na companhia de outros homens. Apesar dos limites de apreensão da consciência humana, podemos nos situar diante da experiência do passado historicamente conhecido, e na perspectiva de um futuro para o qual nos encaminhamos.

É verdade que nossos projetos de vida sofrem determinações da época e do contexto em que vivemos. Ninguém consegue fugir dos condicionamentos de sua época, como se estivesse isento de historicidade. O corpo na sua singularidade, a saúde, a família, o contexto social fazem parte de nós, nos envolvem e, de certa forma, nos direcionam no encaminhamento de nossa vida.

Mas não podemos dizer que não nos sobra espaço de opção e de liberdade para erigirmos uma existência baseada em ideais e objetivos por nós mesmos propostos. Somos seres em realização, inacabados por natureza. Existe algo que nos compete construir, que depende dos esforços que empenhamos e do sentido que imprimimos. Além dos determinismos, temos espaço de opção. Na verdade, somos um misto de "predestinação" e de liberdade. Nosso ser em parte nos é dado e em parte nós o fazemos. Importa fazer a nossa parte.

Diante da responsabilidade de empunharmos um projeto de vida, precisamos de referências para fazer opções. A experiência do passado tem sido iluminadora para as decisões do presente. Ela nos indica como os homens, em tempos e contextos diferentes, encaminharam soluções para os seus problemas. Embora com conotações diversificadas, as questões fundamentais acerca da existência perpassam o tempo e sempre voltam a desafiar a inquietante consciência humana. Reportamo-nos ao passado não para o imitar, mas para dele extrair lições que possam iluminar o encaminhamento de soluções novas para o caráter permanente e novo dos problemas do homem de hoje.

Uma civilização se distingue de outra pelas características peculiares que possui. Tais características refletem a compreensão que existe acerca do homem e do seu sentido no mundo. Marcam, de forma específica, o encaminhamento que determina civilização deu a seus problemas, deles derivando soluções que, de um modo geral, fo-

ram compactuadas naquela sociedade.

As características de cada época constituem a imagem-ideal de homem que nela se impõe. Elas consistem, em seu conjunto, de técnicas e valores culturais que são transmitidos às novas gerações; transmissão que pode dar-se via influência espontânea ou via influência proposital. No último caso, resulta de um processo de educação sistemática, com propósitos previamente estabelecidos.

2. Imagem-ideal do homem das antigas civilizações orientais

As antigas civilizações orientais, como as da Índia, China, Egito, Assíria, Pérsia, Babilônia e Palestina, caracterizaram-se pelo culto ao passado. O ideal de homem a ser imitado estava na tradição de um passado tido como padrão. Nele buscavam inspiração para a conduta do presente. Portanto, a estaticidade, a busca do equilíbrio, a manutenção do estado de coisas foram e são características das sociedades orientais tradicionais.

O homem tradicional ainda hoje aceita o passado como um dogma, não questionando sua validade normativa. Uma formação tradicional nem poderia inspirar a dinamicidade, a originalidade e a transformação. Ao contrário, vê em tudo isso transtornos graves e ameaças à existência dos homens. O culto ao passado se envolve numa esfera mágico-religiosa que atemoriza os homens, submetendo-os a um sistema intransponível de castas. Nascer pobre e sofrer a vida inteira é fatalidade, destino traçado pelos deuses. Insurgir-se contra sua vontade pode resultar em consequências piores, já que todas as forças da natureza estão sob seu controle. Importa, portanto, conformar-se com a vida que se tem, renunciando a todos os desejos e aspirações pessoais. A felicidade possível é a de não ter vontade, de não ambicionar coisa alguma.

3. Imagem-ideal do homem da civilização grega

A imagem-ideal do grego primava por uma maior valorização do homem. Este era conhecido como ser livre e responsável. O filósofo grego buscava compreender os princípios que dirigem a ordem universal; com isso queria, acima de tudo, sentir-se mais livre e mais consciente dentro do cosmos que o envolvia. A compreensão destes mesmos princípios possibilitava-lhe a intervenção responsável no destino da sociedade. Possuir sabedoria, mesmo que sempre limitada, era o ideal buscado pelo homem grego. A democracia helênica nasceu justamente da possibilidade de cada cidadão saber decidir livre e responsavelmente os próprios destinos e os da pólis.

Apesar desta visão otimista da natureza humana, a cultura grega não deixou de ter sua dimensão fatalista. Isso transparecia, por exemplo, na crença de que o sucesso dos empreendimentos humanos dependia, em última instância, dos caprichos dos deuses. Essa fatalidade, no entanto, não promovia um pessimismo diante da vida ou um esmorecimento da vontade. Ao contrário, o esforço, a luta e mesmo a morte por uma causa, eram motivos de nobreza e virtude. Havia, assim, uma conciliação entre o sentimento de liberdade e a crença na fatalidade.

4. Imagem-ideal do homem da civilização romana

A civilização romana teve sua origem nas povoações constituídas de lavradores. A paciência e a humildade diante das variações e imprevisibilidade da natureza forjaram um espírito de vigor e de persistência. Já a vida familiar contribuiu para o sentimento de colaboração e de respeito pela autoridade. Na conjugação destes dois elementos culturais devemos situar as origens da mais notável contribuição da civilização romana: o Direito. Este significou a institucionalização de um espírito de equidade e justiça.

Da mesma forma como o direito tinha uma finalidade prática na peculiar organização social e política romana, a imagem-ideal do homem daquela época tinha uma finalidade específica dentro daquele contexto: formar o bom cidadão, servidor da pátria e, por excelência, o homem público, dotado de uma erudição universal. O sentido prático desta imagem-ideal estava na formação do homem social, honesto e austero, integrado nas tradições patrióticas.

5. Imagem-ideal do homem da civilização medieval

A civilização romana começou a declinar com a depravação dos costumes do homem das cidades. A riqueza, gerada pelo domínio dos povos, permitiu uma acomodação no luxo e no ócio. Tal situação minou o espírito de austeridade e de justiça que havia informado o Direito, base de toda a civilização romana.

A sociedade daquela época estava em crise. Era necessário uma revivificação do direito natural e do direito sobrenatural. O cristianismo encontrou, neste contexto, um terreno propício para sua mensagem de salvação.

Uma articulação perspicaz da doutrina cristã com a filosofia grega permitiu à Igreja o predomínio cultural ao longo de todo o período medieval. Tal articulação foi no sentido de instrumentalizar a filosofia a serviço da teologia. O critério da verdade última permanecia sempre a revelação cristã. Daí o caráter dogmático e inquestionável de uma cultura que se tornou hegemônica.

Assentada sobre princípios eternos e imutáveis, a doutrina filosófico-teológica criou, no imaginário cultural daquela época, um mundo estático e intransformável. Ao homem restava apenas se conformar, adaptando-se às verdades já prontas.

Tal orientação flagra, sobretudo aos olhos do homem atual, uma dimensão profundamente ideológica, no sentido de preservar uma sociedade de castas com diferentes privilégios.

A imagem-ideal da Idade Média foi a do homem de fé que subordinava todas as atividades deste mundo ao seu fim último ou destino sobrenatural: a salvação eterna. A busca do saber deveria visar, em última instância, a possibilidade de o cristão justificar a sua fé.

6. Imagem-ideal do homem da Renascença e da Idade Moderna

A ênfase medieval em conduzir o homem ao seu destino sobrenatural relegou, a segundo plano, a sua salvação neste mundo. O Renascimento veio contrabalançar esta tendência através de uma maior

valorização das possibilidades intrínsecas da natureza humana.

Inspirado nos valores culturais clássicos, sobretudo gregos, o movimento renascentista propõe uma imagem-ideal de homem que se torna humano. É o homem que volta a acreditar em si, na sua capacidade criativa, na possibilidade de viver em liberdade e com ousadia.

O Renascimento tem, como características básicas, o antropocentrismo e o humanismo. É o homem colocado como centro de referência; decorre daí, o culto de suas forças naturais. Esta tendência privilegiou a racionalidade, que deveria ser cultivada de forma a permitir decisões próprias de cada um.

Toda época moderna é, de um modo geral, o desdobramento das tendências inauguradas pelo Renascimento. Os séculos XVII e XVIII vão proclamando cada vez mais a independência do homem diante da tradição e dos seus entraves. A tendência racionalista vai culminar com o movimento iluminista, marcando a total subordinação do destino do homem ao juízo supremo da razão.

7. Imagem-ideal do homem contemporâneo

Desde a Idade Moderna, a razão humana vinha se emancipando dos entraves medievais que impediam a sua livre expansão. Consagrada sua soberania na investigação do mundo, ela produziu um florescimento crescente das ciências da natureza, confirmada na evolução tecnológica do mundo moderno e contemporâneo. Tal sucesso levou a uma crença ilimitada nos poderes da racionalidade humana, vista como panacéia para todos os problemas da sociedade.

Diversas teorias filosófico-sociológicas quiseram enquadrar o homem e a sociedade nos moldes da ciência. Embora haja muitos aspectos procedentes e válidos nessas teorias, todas elas pecam por desconsiderar a integralidade do homem. A abordagem parcial do fenômeno humano sempre se presta para o intento ideológico de certos grupos. Sua finalidade última é a manipulação de muitos para interesses de poucos.

Nessa diversidade de concepções coexistentes, é difícil dizer qual é a imagem-ideal do homem contemporâneo. Caracteriza-se, assim, a crise e a instabilidade da nossa época. Entre as principais correntes inspiradoras do ideal do homem de hoje, destacamos as seguintes: liberalismo, positivismo, socialismo, psicologismo, existencialismo, estrutural-funcionalismo. Todas estas filosofias propõem, além de uma concepção antropológica, uma ética que prescreve como o homem deve conduzir-se ou ser conduzido neste mundo. De um modo geral, propõem a adaptação do homem à sociedade existente, corrigindo aquilo que poderia vir a comprometer o "status quo". São reformistas na sua grande maioria, embora algumas preconizem transformações mais profundas.

No intento de caracterizar o "tipo ideal" de homem do mundo contemporâneo, apontamos o homem pragmático como protótipo mais ou menos consensual de todas as teorias supra-mencionadas. Os sistemas sociais funcionam quando cada elemento que o integra ocupa o seu lugar e cumpre a sua função. Assim como é imprescindível que cada peça de um conjunto mecânico cumpra sua função para que o sistema

todo funcione, assim também é imprescindível que cada homem cumpra com seu "dever", para que o conjunto social permaneça coeso, funcionando. É esta, via de regra, a lógica da sociedade atual.

A valorização do homem do mundo de hoje se dá com base na sua utilidade. Não se pergunta o que é útil para o homem, mas o que é útil para o sistema. Define-se "útil" como aquilo que não tem um fim em si. Logo, útil só pode ser um meio, um instrumento a serviço de um objetivo que está fora do ser utilitário.

O grande drama do homem de hoje está, justamente, neste viver para fins alheios. É a grande angústia do homem-máquina, do qual se exige um adiestramento cada vez maior para produzir mais. Seu valor está no produzir. No produzir para outrem. Este "outrem" pode ser a firma, determinado grupo, a economia do país, a balança comercial, o sistema como um todo.

8. Conclusão: o desafio de encontrar o homem integral

Talvez nos impressionemos ao constatar que os antigos orientais viviam em função do passado idealizado e que os medievais orientavam toda a sua existência em função de um destino sobrenatural. Substancialmente, a lógica do mundo de hoje não é muito diferente. O homem pragmático vive tão alienado como o homem tradicional do Antigo Oriente ou como o homem de fé medieval. Mais uma vez deparamo-nos com o homem tomado em apenas uma de suas dimensões. Desta vez em sua dimensão produtiva.

Não se trata de desprezar a técnica, o trabalho produtivo, o intercâmbio sistêmico. O mal está em omitir dimensões e valores fundamentais da pessoa humana pela absolutização de apenas um aspecto do homem.

Nós, homens do final do século XX, comungamos condicionamentos e problemas do mundo de hoje. Mas não pensemos que nossa sina esteja traçada, que só resta entregar-nos passivamente ao sistema produtivo para garantir nossa sobrevivência até o fim de nossa vida. Encarar o futuro desta maneira seria desistir de buscar um ideal mais nobre e digno para a existência.

O que é possível fazer no sentido de construir uma imagem-ideal mais positiva para o homem contemporâneo? No começo deste texto explicitamos uma proposta, nesse sentido, alicerçada no passado, tendo a História como referência. Dizíamos, também, que o homem não está definido, acabado, totalmente condicionado pela época, mas que lhe cabe uma tarefa criativa e construtiva em relação a sua própria existência. Trata-se de um verdadeiro desafio, para o qual o presente texto quer ser um modesto subsídio. No mais, lembramos que os estudos filosóficos e educacionais podem nos ajudar a vislumbrar caminhos novos. Encontrar o homem integral é o objetivo de todas as nossas buscas.

Bibliografia de referência:

- GILLES, Thomas Ransom. *Filosofia da Educação*. S. P., E.P.U., 1983.
MENDONÇA, Eduardo Prado de. *O mundo precisa de filosofia*. Rio de Janeiro, Agir, 1970.